



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLURO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Abril de 2006 • Ano LXIII • N.º 1619
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@ol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Momentos

Conselhos Pedagógicos Sociais

PARA melhor capacidade de resposta, às investidas da comunicação social, testemunho e ajuda dos Padres da Rua, são criados em todas as Casas do Gaiato Conselhos Pedagógicos e Sociais a que presidem os Padres de cada Casa e de que fazem parte também o chefe maior, o segundo chefe e uma das senhoras. É um grupo constituído também para dar respostas às exigências legais deste país, assumir connosco o Projecto Educativo do Padre Américo e a índole própria das Casas do Gaiato.

À primeira reunião realizada no nosso Lar de Coimbra presidiu o Bispo Diocesano, onde, entre o que se disse, desejo que fique registada a palavra por mim proferida:

Il.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor

Dom Albino, meu Bispo e Bispo de Coimbra

É com muita consolação que O vemos, hoje, no meio de nós, quando o Conselho Pedagógico e Social da Casa do Gaiato de Coimbra se reúne, pela primeira vez, com a Comissão de Acompanhamento nomeada pelo senhor Ministro da Tutela e pelo Senhor Bispo do Porto.

A Casa do Gaiato é, como Vossa Excelência Reverendíssima sabe, uma Obra Nova aos olhos do mundo. Foi-o na década de 1940 e, infelizmente, continua a sê-lo na primeira do século XXI:

a) Por ser uma casa de família por «*índole própria*» que Pai Américo criou e como tal deve ser respeitada e preservada — Casa com Pai que não têm outro pecúlio a não ser a pobreza dos seus e dos mais pobres que Ele assume, homem sem bolsa nem ambição, homem que gosta de ser pobre e viver com os mais humildes e sofredores. Pai de família aflito e devorado pelas vicissitudes de cada filho, em qualquer idade.

b) Casa com Mãe — mulheres escondidas numa doação total e perene, comungando continuamente com os rapazes sobretudo com os mais pequenos e mais débeis, física, afectiva e espiritualmente. Mãe que se dá totalmente e de graça, profetizando o que veio anunciar o actual Papa na sua primeira encíclica que «*o amor na sua pureza e gratuidade é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar*».

c) Uma casa com irmãos. Não com monitores e alunos, como sempre se disse e continuará a afirmar, mas com filhos da mesma Entidade — a Casa do Gaiato — que todos constroem, a todos abriga e de que todos se alimentam.

d) Uma Obra que depende do amor instintivo dos homens bons e da generosidade sacrificada dos cristãos que vendo o resultado vivo, nos rapazes que vão crescendo, não cessam de apoiar e de nela alimentarem a fé e a alegria, como com ela sofrerem as vergonhosas investidas do mundo.

O Conselho Pedagógico Social terá que ter em conta sempre o que é uma Casa do Gaiato, como com ela tem obrigação de fazer de cada rapaz um homem — exigência do seu Fundador — atendendo às condições próprias e aos requisitos dos tempos actuais.

A Justiça, a Verdade, a Responsabilidade, o Trabalho, a Liberdade e a Formação Religiosa são elementos fundamentais a serem continuamente trabalhados, desenvolvidos, e tornados apeteceíveis.

Tratem bem de se aperceberem que cada rapaz, neste ambiente natural, no seu desen-

volvimento e integração familiar vai aurindo estes bens e criando dentro de si, com a ajuda de todos, o sonho de ser alguém — ao que agora chamam «*projecto de vida*».

Numa Casa do Gaiato, a funcionar bem, são muito raros os rapazes que não criam em si o sonho de serem homens, não só bons profissionais, mas bem colocados na Sociedade.

Pedimos a esta Comissão de Acompanhamento, liderada por tão altas figuras que nos deixem ser o que somos e nos avaliem, não com «*grelhas Estatais*», mas com um coração que vê, como diz o Papa Bento XVI e Pai Américo repetia continuamente: *Intuição de quem ama*. Tendo em conta o que o mesmo Papa Bento XVI sublinha na encíclica «*Deus é amor*»: — «*Um Estado que queira prover a tudo e tudo açambarcar, torna-se no fim de contas numa instância burocrática que não pode assegurar o essencial do que o homem sofredor — todo o homem — tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal*».

Não precisamos de um Estado que regule e domine tudo, mas um Estado que generosamente reconheça e apoie segundo o princípio de subsidiariedade as iniciativas que nascem das diversas forças sociais e conjugam espontaneidade e proximidade às pessoas carecidas de ajuda.

«*É muito importante, por isso, que a actividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma.*»

Padre Acílio

19 de Março

É hoje mesmo que a Obra da Rua faz anos. Faz setenta e quatro. Celebri-os no seio de uma Comunidade ferida por dores íntimas que o mundo não entende e devassa. Celebri-os com um sentimento profundo de fraternidade tal como os presentes de outras Obras afins das Oficinas de S. José, também nascidas na Igreja, geradas e acolhidas por esta Mãe a que os milénios passados e os que hão-de vir não esgotam a maternidade.

Desde alguns anos atrás tem crescido o hábito de comemorar anualmente um *dia de...* de temas diversos. O Dia da Mãe creio que vai na vanguarda e a seguir o Dia do Pai. Nestes tempos de pressão secularizante, em que abunda quem procure sistematicamente apagar os sinais do sagrado, vá!, que o Dia do Pai escapou: tem S. José por Patrono. E o Dia da Mãe que começou por ser o da Festa da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal, passou para Maio, não sei porquê, mas mantém ainda uma referência santa: é o mês de Maria.

O dia principiou com o telefonema de um filho que já é pai: «*Estou a acordá-lo...?*» Não. Mas

ainda que estivesse, que doce acordar! E terminou com outro telefonema, de uma nora, presença dela e dos seus, mais seus.

Ontem, em Miranda do Corvo, desceu à terra uma Mulher que gastou quase sessenta anos dos seus oitenta e dois em doação total aos gaiatos. Foi uma beleza vê-los, tantos, de várias gerações, vindos de muitas terras, alguns de longe, quase todos acompanhados por suas esposas, a dar testemunho carinhoso do muito carinho e apoio que dela receberam — e agora, também eles pais, tão bem compreendem! «*Como a Família é verdade!*» E como a verdade se comprova em ocasiões assim! Dias da Mãe, dias do Pai são todos para quem viver é exercício permanente de maternidade e paternidade. Com certeza que a Maria da Luz, agora entregue à terra, há-de ser semente de outras Mães da espécie dela, capazes de se esquecerem de si mesmas e livres e prontas para responder ao direito a tê-la de quantos vêm ao mundo na situação desgraçada de nascidos de progenitora — e são tantos!

A Família, como modelo e fim de acção social, é a ideia fixa de

Pai Américo desde os primórdios da Obra da Rua. Naqueles anos de rua, nas ruas de Coimbra, é a família no seu todo o objectivo que determina o seu «*andar por lá*». A sua postura de visitador dos Pobres não é meramente a de um distribuidor de dons, embora se desdobre entre pedinte e «*recoveiro*» das esmolas que lhe dão para remediar carências gritantes

que não podem esperar. Porém, os seus passos fazem-no participante na miséria instalada e é dessa comunhão que ele vai aprender o caminho e encontrar a força que dá audácia à sua voz e a torna autorizada. A comunhão, sim, fonte do saber sociológico, mas que não consta dos currículos científicos. Esta experiência levaria Pai Américo a definir «*Técnico*

— aquele que ama». É que não há amor sem partilha das alegrias e dos sofrimentos do amado. E sem amor, justiça jamais passará de substantivo abstracto.

A convivência dos cenários reais da miséria fá-lo perceber a parte mais frágil dos que lá moram, as crianças; e quão difícil

Continua na página 3

QUINTO apareceu na Carianga. Vivia com uma tia que vendia gasóleo na praça e foi para Luanda. «*Não te posso levar por não ter dinheiro*», lhe disse. Ele ficou na rua e dorme num prédio inacabado. Verdade? Tudo indica que sim.

Digo-lhe: «*vai!*», ou fico com mais este tropeço sem profissão, sem a quarta-classe e sem hábitos de trabalho?

É fácil dizer não! Difícil dizer sim e assumir. Que farias tu?

Nos rescaldos da guerra, veio um grupo que dormia na rua. Improvisámos um lugar com poucas condições, mas para eles foi hotel de cinco estrelas... Hotel criticado por muitos... Pusemos a funcionar uma escolinha. Alguns deles fizeram a quarta-classe e passaram para a nossa Aldeia do Gaiato, onde frequentaram a sétima e oitava classes.

Depois varremos tudo. Agora, porém, apareceu o Francisco, o Nando e o Madureira com um cérebro de galinha, mas consegue tratar dos porcos; mais o João e, agora, o Quinto.

Ofereço-lhes as fracas condições e a cozinha ao ar livre, ou mando-os para as ruas de Malanje?

Que farias tu? Espero a tua resposta:

Malanje

Dia-a-dia

Padre Telmo — Casa do Gaiato de Malanje — Angola.

NEM tudo corre bem na nossa Casa, também não, ou pior ainda, nas famílias pequenas que conheço. O Quichacata arranjou um filho. Tratámos-lhe dum emprego e vai. Vai também o Tenguna que encontrou a irmã, em Luanda, e era para nós uma dor de cabeça.

Muitos dos nossos, que já vivem na Cidade, trabalhavam na barragem de Capanda, esta acabou e ficaram desempregados, agora andam aflitos a saber de emprego.

Este um dos nossos grandes problemas — a falta de emprego para os mais velhos. Emprego é pão. Que faz uma família sem pão?

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ENCÍCLICA DE BENTO XVI — O Papa não esquece que a globalização da economia continua a criar massas inumeráveis de Pobres, mesmo no seio da Igreja, e pede mudanças concretas, porque quem tem fome não pode esperar. «Aqui e agora» são as indicações precisas para a acção caritativa da Igreja.

É o amor de Deus que se apresenta como «remédio» para os males do mundo, não se deixando sufocar por interesses económicos ou de poder. A universalidade da caridade é o maior dom que a Igreja, respondendo a Deus Amor, pode oferecer à Humanidade.

Uma Agência recolheu, desde logo, uma série de reacções a este importante documento, que concordam com a importância desta encíclica como um «programa» para a Igreja, no início do terceiro milénio.

O tema escolhido por Bento XVI para a sua primeira encíclica é «um mergulhar no seio de Deus para poder fazer com que a Igreja seja uma resposta a todas as ausências de amor que infelizmente ainda persistem na sociedade moderna», disse o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa. Na opinião de D. Jorge Ortiga, «a primeira encíclica é sempre programática, apresenta as intenções, os propósitos e a vontade que o Papa coloca diante do seu ministério», e esta «tem um significado muito particular no intuito de centralizar naquilo que é essencial o que Bento XVI deseja para a Igreja, nesta redescoberta de um Deus que é caridade e amor», referiu.

PARTILHA — Lourdes, de Cacán, presente com «a migalhinha habitual. Contínuo, pedindo sempre que tenham saúde. Bem-hajam».

Assinante 20185, de Amadora, cheque de 200 euros, «especialmente destinados àquele nosso irmão canceroso. Pelo menos pode contribuir para a conta da farmácia». Para melhor compreendermos a situação do doente, aqui está um recado escrito por sua mão: «Eu queria, da forma mais simples e sincera, agradecer a todos que contribuíram e contribuem para ajudar pessoas que, como eu, a qualquer momento da vida, se vê enrolado por uma doença debilitante. Agradeço do fundo do coração todo o apoio e ajuda que me dispensaram e desejo que Deus retribua a todos em bênção e saúde».

Outro cheque, da assinante 57451, de S. Mamede de Infesta: «O que sobrar da minha assinatura será para aquilo que for mais necessário aos Pobres».

Agora, temos, duma Beatriz, de algures: «O contributo de Janeiro e Fevereiro (trezentos euros). Desculpem o atraso, mas nem sempre o posso fazer na altura certa. Utilizem-no como melhor entenderem e conforme as necessidades. Que o Senhor vos ilumine e vos dê coragem. Com

tanta miséria que vai pelo mundo e em lugar de tratarem o que está mal, ataca-se quem faz o bem. Será que o mundo é mesmo assim? Parece que cada vez se vê mais injustiças!»

De Vila do Conde, assinante 44541, «Ao ler agora n'O GAIATO, apercebo-me que há outro doente a necessitar de ajuda. Assim, reforcei a quantia para ele do meu donativo, muito pequeno, para tanta necessidade».

Assinante 57002, de Senhora da Hora, 200 euros, «meu pequeno contributo para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa. É uma pequena ajuda para alguma família que tenha mais carências. Infelizmente, não faltam Irmãos nossos que têm grandes dificuldades. O meu envio é apenas uma pequena migalha, mas que junta a outras poderá tornar uma vida menos difícil».

Outra senhora, assinante 7769, do Porto, manda oferta «para acudir ao doente (de que temos falado) com problema nos intestinos, desejando que consiga sobreviver».

Rosa, de Setúbal, assinante 28657, um excedente de contas para O GAIATO, «auxílio para os irmãos mais carentes».

Assinante 17302, de Esposende, uma carta muito curiosa.

Do Porto, uma presença muito especial, da assinante 57558, com 150 euros e «um bem-haja pelo vosso trabalho».

Trinta euros, do assinante 43076, de Oliveira de Azeméis, «pequena oferta para aquilo que mais precisarem».

De Coimbra, assinante 70662, 150 euros, «pequeno donativo para as vossas grandes despesas».

Vinte e cinco euros, da assinante 56677, do Porto.

Fechamos a procissão e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DIA DO PAI — A nossa família para os sem família não deixa de ter um Pai: Pai Américo! O seu retrato, de grandes dimensões no refeitório, lembra-nos a importância de vivermos como a Família de Nazaré. Os rapazes querem viver a sua vida e ocupação e são convívio, livre da prepotência dos poderosos.

No dia 19 de Março, cantámos os parabéns ao Pai, no refeitório, e saboreámos um delicioso bolo oferecido pelas Padeirasinhas da Avenida, de S. Mamede de Infesta. Muito obrigado!

ECOPONTO — Numa Casa como a nossa, de família, é importante ensinar os rapazes, desde pequeninos, a fazer a separação dos lixos domésticos: plástico/metálico, papel/cartão e vidro. Havia necessidade urgente de um Ecoponto.

A Ambi Sousa — Empresa intermunicipal de Tratamento e Gestão de Resíduos Sólidos — sabendo desta lacuna, a nosso pedido, com rapidez, fez-nos chegar um depósito desses materiais para reciclagem. Muito obrigado!

O senhor Presidente do Conselho de Administração teve a amabilidade de nos visitar, com uma técnica do serviço. Bem-haja!



Na visita Pastoral, o Senhor D. António Taipa com a nossa Bandinha.

ESTUFA — Temos uma nova estufa, na horta, montada com material resistente. Nos últimos meses não tem faltado salada de alface. Aquirimos as plantinhas, em tabuleiros, e depois plantámo-las em camalhões. Os rapazes gostam muito de saladas, que são devoradas e fazem bem à saúde.

Repórter X

DESPORTO — Mais um desafio de futebol. Mais um encontro de gente que gosta de conviver. Este fim-de-semana os nossos Seniores receberam o G.R.C. S. Luís, que apesar de se apresentar um pouco desfalcado, esteve a ganhar por 1-4. No entanto, na segunda metade do desafio, com as respectivas mexidas, os nossos Rapazes deram a volta ao resultado e conseguiram fixar o mesmo num asfiziante 8-4. De todos os marcadores, apenas quero sublinhar o «Gaivotas», que marcou o seu primeiro golo desta época. Ficou tão eufórico quando o concretizou, que conseguiu contagiar um seu admirador, suponho eu!, que abusivamente entrou em campo para com ele festejar. Enfim! Espectáculo... pouco recomendado!

No que diz respeito ao jogo em si, tudo decorreu em perfeita harmonia. Este foi mais um dos muitos jogos que já fizemos e temos, se Deus quiser, para fazer. Não fazemos jogos quando o «rei faz anos»! Durante a semana todos trabalham, sem alterar o quotidiano, para que aos sábados e domingos, hajam actividades. É neste ambiente e sempre junto deles, que a gente se sente feliz.

E felizes ficaram os Rapazes na deslocação ao Atlético Clube Bougadense (Trofa), mais concretamente, à terra natal do nosso Padre Manuel António, responsável pela Casa do Gaiato de Benguela, onde, debaixo de chuva intensa, não deixaram ficar os seus créditos por mãos alheias. Começámos por estar a perder por 2-0. Mas a exibição de luxo do Ilídio e de mais 17, fizeram com que o resultado final se fixasse através dos golos: de Erickson (1), «Bolinbas» (2), Agostinho (2), Rogério (2), e Ilídio (1).

Ilídio, pelos vistos, não era para ir. Teixugueira, um dos grandes impulsores deste Grupo Desportivo, con-

venceu-o e ele foi. Foi para ser o maior durante os 90 minutos. Não é preciso ser grande no tamanho, mas sim na «raça» e no querer, para se ser um gigante dentro das quatro linhas. Quem assim joga e faz jogar, merece ser destacado. O golo da reviravolta deve-se a ele, pela sua insistência e pela sua força de vontade de vencer. No entanto, também não é menos verdade que, para além do Ilídio, todos estiveram à altura do desafio. À altura em tudo: no desafio e na alegria demonstrada durante a viagem, ao ponto de entrarem no refeitório a cantar: «Olé, olé, o Gaiato é o maior»! Mais comentários? Para quê! O desporto cá em Casa é rei, com aqueles que querem e gostam. Razão tem o nosso Padre Manuel Mendes, quando diz alto e bom som, que: «O melhor psicólogo da Casa do Gaiato é o Desporto».

Mais uma vez, fomos muito bem recebidos. Antes do jogo, falámos com um sobrinho do nosso Padre Manuel António que por sinal jogou com o número 17, o Vítor. No decorrer da segunda parte, fomos abordados por um outro, que também faz parte do Bougadense e tinha acabado de chegar com os Juvenis, que tinham ido jogar ao Rio Ave. Tanto um como o outro, mais os restantes responsáveis do Bougadense foram muito queridos!

Alberto («Resende»)

Setúbal

HORTA — Um grupo de rapazes, orientado pelo «Fernandinho», andou a schar a fava e a ervilha. O Amândio andou a espalhar esterco numa parte da horta, para ser mais tarde lavrada.

Também andámos a ceifar a cevada, à máquina, que será misturada com a palha para dar alimento às nossas vacas. Nesse terreno será depois semeada a batata.

SENHORA — Fomos ao funeral da D. Maria da Luz, que esteve muitos anos no Lar de Coimbra, onde os rapazes estudam nas Escolas dessa Cidade. Foi uma mãe para os rapazes,

e agora precisamos de alguém que a venha substituir.

OBRAS — Andamos a pôr caleiras nos telhados da nossa Casa. Estas caleiras novas servem para recolher a água da chuva e evitar que ela solte a calçada junto às casas.

CATEQUESE — O Horácio e o «Fábinho» andam a preparar-se para o Baptismo, que irão receber na Vigília Pascal. O grupo da Ana Teresa está a preparar-se para a Primeira Comunhão; o da D. Alzira, para o Crisma. A D. Geneveva está com os mais pequenos e a D. Selda com os restantes.

BALNEÁRIO — O Jaime e o Mário Paulo andaram a electrificá-lo. Substituíram a instalação antiga por uma nova. Agora, é mais fácil controlar os circuitos. Esperamos que eles entrem no novo curso de electricistas que se iniciará este mês, onde vão melhorar os seus conhecimentos.

António Loureiro

Associação de Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVOCATÓRIA — Convoquem-se todos os Gaiatos para uma reunião no dia 2 de Abril, às 10 horas da manhã, no Palácio dos Arcebispos da Casa do Tojal, que tenham intenção de debater o estado actual da nossa Casa de Lisboa. Os problemas da Obra da Rua e o seu estado actual são os assuntos em questão. O impacto das notícias é forte, vem preparado e inspirado para dares a tua opinião. Há momentos na vida que todos somos obrigados a intervir. Vem e tira as tuas conclusões.

TRISTE NOTÍCIA — Mais uma vez vimos por este meio dar uma triste

Tragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Março,
54.800 exemplares

Dores de Família

«Querido Pai Américo, não pensava escrever-te sem ter razões de força maior que justificasse, incomodar-te, pois a tua pedagogia ensinou-me a ser autónomo, livre e responsável.

Porém, hoje, 4 de Março de 2006, estou muito triste — segundo a comunicação social, o «Patriarcado vai nomear o primeiro director não Padre para uma Casa do Gaiato». Uma dor profunda asfixia-me a alma! Frágilizado e com dificuldade em conter e em exprimir a indignação, procuro reconforto no teu regaço! E deixo as lágrimas inundarem-me a alma sofrida perante a impotência que sinto por não poder defender a nossa «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» desta ignóbil invasão e de poder garantir a pureza da tua inovadora pedagogia para «fazer de cada Rapaz um Homem»!

Após uma persistente e longa campanha de difamação sobre a Casa do Gaiato, um grupo de ignotos técnicos da Segurança Social, doutos psicólogos, ávidos de «tachos» e cargos de direcção, conseguem ganhar o primeiro assalto à Obra da Rua, com o beneplácito da Comissão de Protecção(?) de Menores, dirigida pelo juiz Leandro que me parece idóneo e honesto, mas que face aos desastrosos resultados da sua referida Comissão, não tem coragem para resistir à violação do teu património pedagógico, se é que o conhece bem. O começo do fim da tua (nossa) modelar Obra de Rapazes será apenas confirmado administrativamente por um Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social pouco interessado em valorizar a nossa histórica Obra da Rua! Ignoram que o amor é a base da nossa educação e que não se consegue domar rapazes com a nossa endémica rebeldia sem espírito franciscano e dedicação total. E até da tua Igreja, a primeira e única responsável pela nossa Obra da Rua, claudica e ajoelha perante o Estado dando a sua bênção à «Primeira nomeação de um director não padre», como referem em júbilo os órgãos de comunicação social — quem sabe se não haverá ainda um «carguito» de direcção para algum dito jornalista!

Como deves saber, este assalto começou há mais de um ano tendo por base um incongruente Relatório, elaborado por uns burocratas da Inspecção da Segurança Social, que levanamente ditava a necessidade de encerramento da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, por falta de condições para acolher crianças, o que denotava o delírio pedagógico e a miopia de alguns técnicos cujas decisões têm conduzido a várias mortes de crianças por maus tratos na família.

Ávidos de protagonismo, os pobres de espírito pedagógico tomaram a nuvem por Juno, ignorando que, quando detectados, os casos de violência sobre os mais novos são devidamente punidos de acordo com a gravidade que o caso justifica. Não souberam reconhecer que apesar da vida nas nossas Casas não ser fácil,

as crianças deserdadas ou abandonadas, que conhecem o sofrimento e o sabor amargo da miséria encontram nas Casas do Gaiato uma família — com as virtudes e as fraquezas de qualquer família numerosa — que lhes incute valores éticos e princípios de vida que me são muito gratos — solidariedade, justiça social, liberdade na responsabilidade, entre outros. Não souberam compreender que a Casa do Gaiato faz cidadãos que sentem satisfação em afirmar que muito do que são o devem ao facto de terem sido «gaiatos»! Casa do Gaiato que ajudou a fazer de mim um homem de corpo inteiro, inquieto e contraditório, atento aos problemas sociais, com gosto pelas artes, pela literatura, pela música, pelo desporto e um humor quase perverso de encarar a vida. Não compreendem que a Casa do Gaiato não fez tudo pelo que hoje somos, mas «preparou a terra e lançou a semente...»

Repito, apesar da meia idade e de uma sorridente vida burguesa, este é dos dias mais tristes da minha existência! Olhar para o desmoronar do património pedagógico da nossa Obra de Rapazes e sentir-me impotente para conter este ignóbil e prepotente assalto do Estado, é frustrante e muito doloroso.

Se ao menos acreditasse em milagres!... Mas, como sabes, tornei-me agnóstico era ainda um adolescente Chefe Maioral da comunidade que me elegeu!

E os teus outros filhos gaiatos, hoje cidadãos de corpo inteiro, para quem continuas a ser uma referência ética e pedagógica de relevo, aceitarão com indiferença esta invasão do funcionalismo público às Casas do Gaiato ou marcarão presença de protesto na tomada de posse do iluminado primeiro director, à data «secretário-geral de uma comunidade de apoio a sem-abrigo», na Casa do Gaiato do Tojal?

Tenhamos esperança, pois, como diz Sebastião da Gama: «Pelo sonho é que vamos. Comovidos e mudos. Chegamos? Não chegamos? Haja ou não frutos, pelo sonho é que vamos».

Boa noite e boa sorte!...

Manuel António

«Recebi a vossa carta, como sempre muito agradável, e lamentando que não apareça ninguém para vos render, mas, infelizmente, os tempos são outros, e nos dias de hoje, as pessoas só pensam em bens materiais e para se dedicar a uma Obra como essa, têm, de facto, de já nascer com esse dom e ter muito amor ao seu semelhante.

Envio uma foto da minha neta, Cecília, que mora na Noruega, e que nos vem visitar em Fevereiro próximo, junto com a minha filha, Astrid, e o marido. Vai ser muito gostoso estar com eles, pois eu não sabia que ser avô dá um grande sentido à vida.

Um grande abraço de Mariana Manuela e eu.»

Manuel Lopes

notícia: o Manuel Julião mais conhecido por Nisa já não se encontra entre nós. Tinha 31 anos, deixou uma filha com 7, que descanse em Paz.

Luis Miguel Fontes

Associação de Antigos Gaiatos de África

Dias 9 e 10 de Setembro, no Portinho da Arrábida, em Setúbal.

O nosso encontro anual já tem data marcada, por isso não te esqueças de reservar, no teu período de férias, os dias 9 e 10 de Setembro, como presença obrigatória, na Arrábida, para mais uma vez convivemos, lembrando os anos passados em África, e eventualmente poderemos encontrar alguém que já não vemos há 30 anos,

como me aconteceu no ano passado e anterior.

Como foi anunciado na crónica do encontro do ano passado, feita pelo incansável Manuel Fernandes, foram eleitos os organizadores do convívio de 2006, e que recaiu no Ezequiel Póvoa, de Moçambique; Manuel Fernandes, de Malanje; e eu, de Benguela. Da nossa parte tudo iremos fazer para que mais uma vez o nosso encontro seja um êxito, mas não te esqueças que também terá de contribuir com a tua colaboração, ou seja, marcando presença e divulgando o convívio a algum antigo gaiato que conheças e que por qualquer motivo não tem conhecimento do mesmo. Fazendo isto, estás a contribuir para o êxito do nosso encontro.

Contamos contigo nos próximos dias 9 e 10 de Setembro.

Brevemente irei enviar listagem com as moradas que possuímos, se eventualmente conheces alguém que não conste na mesma, agradecemos que nos comuniqués. Um abraço.

José Luís Pinheiro



Neta do Manuel Lopes

Moçambique

Combate à pandemia

O Governo está preocupado com a sida. Em oito anos a doença apanhou de zero a 16,2% da população, ou mais propriamente um milhão e quatrocentas e cinquenta mil pessoas, incluindo oitenta mil crianças que se acercam dos Serviços de Saúde. Se estes só abrangem 40% de todos os moçambicanos, onde estaremos verdadeiramente?

O Presidente ocupou quase uma semana a ouvir o que se chama parceiros sociais, os empresários, os representantes das várias religiões, as autoridades tradicionais e, por fim, toda a comunicação social. De todos quis ouvir avaliações do combate à pandemia, as acções empreendidas, para fazer o seu juízo e dar as recomendações mais apropriadas.

Quando dela se começou a falar, a avidez de lucros em campanhas publicitárias por todos os meios de comunicação, incluindo cinema e grandes cartazes publicitários, exacerbaram a desordem moral, já então democraticamente estabelecida. Os jovens foram os mais visados neste tipo de anúncios e, agora, são os mais pervertidos, ao que se diz, muitos não ligando a preservativos.

Surpreendeu-me, por isso, a clarividência dos líderes tradicionais que colocaram a gravidade do mal no «mau comportamento moral, especialmente das camadas jovens, manifestado na falta de respeito para com os mais velhos, desprezando os seus conselhos e trajando de maneira indecente».

O Presidente disse «que todo o esforço deve abranger com maior incidência, aquela nossa janela de esperança, os adolescentes dos dez aos quatorze anos, ainda não afectados pelo vírus», mas muitos deles já tocados pelos vícios, acrescento. Subtende-se que quanto aos outros, quase dá vontade de cruzar os braços. Para exemplo, espera-se que até 2010 tenham morrido nove mil e duzentos professores. Polícias, enfermeiros nem se falou, mas sabe-se que é preocupante.

Como disse o representante da Comunidade de Santo Egídio, pode afirmar-se, já hoje e aqui em Moçambique que «sida não mata». Se o doente fizer atempadamente o teste, se tiver acompanhamento médico frequente e quando chegar o momento, não faltar o remédio adequado, nem a alimentação equilibrada e necessária. Ora só nas Cidades e Hospitais Distritais e Centrais há o teste rápido e quantos vivem sem fronteiras, como Changalane e Maanhane e Massaca, que vão e vêm contaminados da Suazilândia e da África do Sul? Quantos vão ao Hospital e lhes dão remédio só para as doenças oportunistas? Quantos têm alimentação suficiente e adequada? Aqui é um corredor da fome, a parceira catalizadora.

Graças a Deus e à Cooperação Portuguesa, dispomos de uma ambulância para recolher todas as semanas os doentes a que assistimos com apoio alimentar e levar aos Centros Hospitalares onde já são atendidos carinhosamente. Mas há mais aqueles que os grupos de activistas e as mães líderes de cada Aldeia vão descobrindo, semana a semana. De tal modo que a nossa Maria José tem de estabelecer prioridades. Daqueles duzentos e vinte e cinco que temos a cargo, até hoje, já morreram trinta e sete por tarde lhe acudirmos. De resto, há muitos aparentemente sadios que levam a sua vida normal de trabalho.

Noutra crónica direi como fazemos a prevenção, por demais difícil. O medo, o apego às tradições, a preferência pela medicina tradicional, são as piores barreiras. Há muito a dizer, mas muitíssimo, só Deus sabe.

Padre José Maria

19 de Março

Continuação da página 1

é conseguir progressos dos adultos, também eles fragilizados por doenças e por vícios. Sem nunca deixar de ter em mira a família toda, no Verão de 1935 ensaia um novo passo, as *Colónias de Férias para o Garoto da Baixa*, não à beira-mar como havia já algumas iniciativas, mas no campo onde a terrível doença do tempo, a tuberculose, encontrava mais adequado ambiente de prevenção. A partir daí, Pai Américo acrescenta à sua acção nas ruas, encontros com rapazes que tinham ido às *Colónias*, os quais, solidários como é próprio de gente desta sorte, traziam outros, candidatos a semelhante benefício nos anos seguintes.

Em 1939, as *Colónias* realizam-se pela primeira vez em Miranda do Corvo, na casa que viria a ser a pri-

meira Casa do Gaiato. No fecho delas e com a experiência adquirida nos cinco anos passados, Pai Américo concluiu que alguns garotos não tinham no meio familiar expectativa minimamente capaz de virerem a ser homens. Devolvê-los à rua equivaleria a um acto de condenação... ao nada — e eles eram inocentes para serem condenados e com potencialidades para serem alguém.

Os meses finais desse ano são o tempo de abraçar a aventura de ficar com eles — sem dinheiro, sem promessas, sem qualquer garantia deste mundo. Tinha-a, sim, bem impressa na sua consciência, de que Deus, que o impelia, jamais havia de faltar-lhe. Foram meses de trabalhos e de dores de um parto que se aproximava do seu fim. A Casa do Gaiato nasceria em 7 de Janeiro seguinte.

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Maria da Luz uma verdadeira mãe

MORREU a senhora D. Maria da Luz. Tinha 84 anos, quase feitos. Já chegou à Casa do Pai, onde, de braços abertos e coração em festa, por Seu Filho foi recebida: «Vem bendita de Meu Pai...» Imaginamos uma entrada triunfal, própria dos eleitos de Deus. Pai Américo, Padre Horácio e outros, desta numerosa família que é a Obra da Rua e que há muito vivem no festim eterno, a recebê-la. Foi na sexta-feira, dia 17 de Março e era por volta do meio-dia. No sábado, a sua sepultura. O sábado é na tradição da Igreja o dia dedicado a Nossa Senhora. A devoção à Virgem Mãe era uma predileção especial da D. Maria da Luz. A sua chegada ao Céu tem — assim o cremos — um especial sabor mariano.

Maria da Luz era filha de uma modesta família dos arredores de Miranda do Corvo, onde predominavam os grandes valores humanos e cristãos e, como tal, imbuída desses valores, incutidos pelos seus bondosos pais — um casal temente a Deus — foi-lhe fácil des-cortinar no horizonte da sua vida e juventude o chamamento de Deus bem como a consagração da sua vida às Suas causas. Na hora da decisão, o Senhor não lhe apresentou nenhum lugar especial, daqueles lugares comuns da vida religiosa ou monástica. Antes serviu-se do ardor apaixonado de um sacerdote desta Igreja de Coimbra — Padre Américo — para a chamar a um lugar escondido, discreto, com sabor a Evangelho de Infância, para aí, no escondimento de uma vida, gerar para a vida os «filhos de ninguém». Foi na Casa do Gaiato, no Lar de Coimbra.

Veio a convite de Padre Américo fazer a sua experiência. A sua especialidade era a costura, a arte das raparigas de então. Assustou-se, porém, quando viu tantos meninos a quem era preciso vestir e dar de comer... «Não serei capaz...» terá segredado a sua



mãe, preocupada com com sua decisão. Outra voz, porém, falava mais alto: era a voz do Mestre no tom inconfundível e apaixonado do Padre Américo: «Maria da Luz, então, temos Luz ou não?!» Maria da Luz disse sim e ficou até à Luz do Céu! Foram quase 60 anos, que os últimos também o foram de serviço no seu leito de sofrimento e dor oferecidos pela Obra da Rua. Uma vida de grande doação aos gaiatos. Só

Fátima a fazia descolar do seu Lar do Gaiato de Coimbra — a sua casa de família. Os períodos de descanso mais apreciados eram perto da «Senhora mais brilhante que o Sol». Fátima, aliás, surgia-lhe como o melhor lugar para terminar a sua missão neste mundo: «Junto da Mãe» — como costumava dizer com grande doçura. Mas a doença e a incapacidade de se bastar a si própria fizeram-na regressar à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, a sua outra família. Aqui passou os seus últimos dias confortada pela presença de todos nós e de familiares mais próximos, numa entrega amorosa a Deus que sempre procurou amar nos mais Pobres, os Seus preferidos.

Maria da Luz foi uma verdadeira mãe que soube incarnar a maternidade do próprio Deus acolhendo os meninos do Padre Américo, sem hesitações: «Esta mulher não quer nada para ela, é tudo pró meninos...» — ouvimos algumas vezes testemunhar Padre Horácio. Tinha também uma forma muito especial de acolhimento para com os Padres da Rua. Foi, também para nós, uma mãe e um conforto, em horas de aflição, que nunca esqueceremos. Os seus meninos eram a sua prioridade. Muito conhecida nas filas de atendimento, exigia e conquistava vez e muito respeito. Por isso, granjeou, na área da saúde, conhecimento e muitos amigos.

Maria da Luz foi uma autêntica filha da Igreja no que Ela tem de mais fecundo, a Sua maternidade. O seu testemunho de entrega bem se poderia comparar a tantas outras «Marias» ilustres filhas da Igreja. Seria importante que ela contagiasse as comunidades cristãs numa dinâmica vocacional. O dia dos consagrados nunca trouxe ninguém à Casa do Gaiato... e qualquer dia não haverá quem esteja em condições de testemunhar. O que falta, então? Só Deus sabe, melhor do que nós.

Maria da Luz, como todos os eleitos de Deus não partiu. Ela continuará conosco, agora, na Luz dos bem-aventurados de Deus, a interceder por nós. Foi este o nosso último pedido a que ela acedeu numa lágrima inesquecível.

Padre João

Setúbal

Vida independente

TIVEMOS de dizer a um dos nossos rapazes mais velhos, que era chegada a hora de ir experimentar a vida independente. Com esta, chega a total responsabilidade de si, a assunção dos encargos materiais que ela acarreta e a necessidade de estabelecer os equilíbrios humanos que ela exige.

Embora muito se fale das dificuldades materiais do presente, o sistema montado aponta e convida para uma vida de facilidades. Os imprevidentes, sem meios, sem se darem conta, resvalam para o endividamento.

Nós debatemo-nos nesta dicotomia. Os rapazes dificilmente se apercebem destes perigos.

A instabilidade do trabalho domina. Se para quem tem o sentido do equilíbrio na vida, o futuro se apresenta como incógnita, a falta desse equilíbrio torna a incógnita numa certeza de grandes dificuldades aí à porta. Se nós procuramos iluminar, para que os rapazes tenham uma visão realista da vida, as promessas dos interesses económicos ofuscam e desacreditam esta luz que procuramos pôr-lhes no caminho. A luz ilusória brilha mais forte e domina as opções com que determinam a vontade.

Embora ofuscada, confiamos que não se apagará e, com o passar do tempo e no confronto com a realidade, acabará por se destacar, pois, como diz o ditado, «a verdade bem sempre ao de cima».

A passagem para uma vida independente, com o entusiasmo que uma maior liberdade comporta, tem um lado menos gratificante que é o de ser necessário trabalhar para conservar essa liberdade intacta. À independência normalmente querem-se impor algumas dependências, as quais põem em perigo aquilo que era legítimo e desejável.

Quando dão este passo, os nossos

rapazes têm de contar essencialmente consigo. Por isso, antes de ser doloroso para eles é-o para nós, antevendo as dificuldades e perigos que irão encontrar pela frente.

Ninguém se prepara para ir viver num clima frio, rodeando-se de calor. Terá sim de se munir dos meios para que, vivendo em ambiente frio, não deixe de ter garantido o necessário calor.

Fazemos o que podemos para que os rapazes vão apetrechados dos meios para vencer as adversidades que irão encontrar ao sair de Casa. Os bens materiais e espirituais com que vão dotados, não-de ser os frutos que os farão ter vida autónoma e independente.

Padre Júlio

Benguela

A Maria da Luz

NÃO sei falar. Quero fazer silêncio e admirar a beleza e a grandeza do coração da mulher que se deixou queimar pelo amor dos filhos que não tiveram mãe para os criar. O holocausto diário durou mais de 50 anos.

A Maria da Luz morreu. Serviu a Obra da Rua até ao fim. Fiel para sempre ao compromisso assumido, naquele tempo. Foi a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo o ninho onde criou, com o calor humano do seu coração, a multidão de filhos que por lá passaram. Mais de 50 anos.

Vejo na sua morte a porta da

sabedoria que nos fala do sentido verdadeiro da nossa vida. Foi-nos dada para ser dom abençoado, fecundo, para que outros tenham vida em abundância. Há tantas vidas que parecem ser nada! Secas! Encerradas numa fortaleza de muros de barro, a sós com o seu egoísmo, comodismo, indiferença. Falta-lhes a alegria e a paz, à mistura com a segurança, que nascem da experiência de serem dom para os outros. Há muitas maneiras de o serem.

Por isso, quero deixar-me invadir, em silêncio, pela torrente da vida que brota dos corações que, como a Maria da Luz, souberam e sabem

PENSAMENTO

A Caridade «que folga com a Justiça»; aquela mesma «que não procura os seus interesses» — essa nunca perde nada da sua virtude, por ser imensa. As Obras de Caridade não dependem dos mortais, embora sejam realizadas por eles, para bem deles. O que importa é que os homens se não atravessem com a «caridadezinha» dos seus amores.

PAI AMÉRICO

amar gratuitamente, à imagem e semelhança de Deus que é todo coração. Quão necessárias são estas mulheres mães que, fora dos templos tradicionais, sem hábitos nem algo que as distingua, aos olhos do mundo, gastam suas vidas. Caem no sulco dos filhos abandonados e dão fruto em abundância. Fazem-me lembrar as raízes das árvores frondosas. Estão escondidas, mas, sem elas, as árvores são nada. Quero viver em silêncio a morte da Maria da Luz.

Sei como podia resolver, de maneira definitiva, o problema de muitas mães de família que batem à nossa porta, por causa da chuva que destruiu as pobres cubatas em que viviam. Sei, mas não tenho dinheiro para as ajudar a comprar blocos de cimento. As casas são construídas de maneira tão precária que basta uma enxurrada mais forte de água para fazer desabar as paredes de barro, sem um bocadinho de alicerce. A prevenção mais segura é dormirem fora de casa... Não sei onde. Aflige-me muito esta situação. Quero que vivais também afli-

tos e aflitas por causa da mesma. Da minha parte irei até ao fim. Não fico de braços cruzados.

Outra mulher, ainda muito jovem, tomou ao seu cuidado sete irmãos, porque a mãe morreu e o pai fugiu. É uma autêntica heroína. A riqueza da nossa vida está na pobreza e na miséria desta gente que enche o nosso coração. Queremos caminhar, de mãos dadas, com a força que nos vem também das vossas mãos, para a meta da libertação. É verdade. Para sermos livres temos que libertar. Temos que ajudar a libertar. É o caminho da experiência o livro mais precioso da sabedoria. Experimenta e verás que é verdade. Vamos ajudar esta mulher, ainda jovem, a ser livre e a caminhar corajosamente. Ser coluna é missão de muita responsabilidade. Assumimo-la.

Desta vez, tive que dizer não. A Casa do Gaiato é casa de família dos sem família. Nunca foi, nem será casa de filhos com problemas, mas têm suas famílias. Esta mãe compreendeu e foi-se.

Padre Manuel António